



---

## APRENDER A LÍNGUA INGLESA: UM IMPERATIVO DA CONTEMPORANEIDADE

---

### LEARNING ENGLISH: AN IMPERATIVE OF THE CONTEMPORANEITY

---

### APRENDER LA LENGUA INGLESA: UN IMPERATIVO DE LA CONTEMPORANEIDAD

---

Rafaela Thomaz 

Fernanda Wanderer 

#### RESUMO

O artigo apresenta resultados de uma pesquisa que analisou os sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa (LI) na contemporaneidade. O corpus é formado por redações de candidatos à vaga de docente de inglês em uma instituição de ensino no RS, entre 2016 e 2018. Como aportes teóricos, recorreu-se a autores como Michel Foucault, Sylvio Gadelha e López-Ruiz, operando com os conceitos de empreendedorismo de si e Capital Humano. Os resultados apontam que: 1) os professores percebem a aprendizagem da LI como forma de transformarem seus futuros, contribuindo para uma nação desenvolvida; 2) a LI completa o aprendiz com aquilo que ele necessita para ser, estar e agir na sociedade neoliberal; 3) saber inglês é considerado indispensável para a obtenção de “grandes empregos” e cargos “melhores”. A pesquisa concluiu que a LI é uma ferramenta associada ao sucesso profissional, configurando-se, ao mesmo tempo, em forma de in/exclusão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Inglesa. Capital Humano. Empreendedorismo.

#### ABSTRACT

The article presents results of a research that analyzed the meanings attributed to the learning of the English Language (EL) in contemporary times. The corpus consists of essays by candidates for the position of English teacher at an educational institution in RS, between 2016 and 2018. As theoretical contributions, authors such as Michel Foucault, Sylvio Gadelha and López-Ruiz were used, operating with the concepts of self-entrepreneurship and Human Capital. The results show that: 1) teachers perceive EL learning as a way to transform their futures, contributing to a developed nation; 2) EL completes the apprentice with what he/she needs to be and act in neoliberal society; 3) knowing English is considered indispensable for obtaining “great jobs” and “better” positions. The research concluded that the EL is a tool associated with professional success, configuring, at the same time, in a form of in/exclusion.

**KEYWORDS:** English language. Human Capital. Entrepreneurship.

#### RESUMÉN

El artículo presenta los resultados de una investigación que analizó los significados atribuidos al aprendizaje de la Lengua Inglesa (LI) en la época contemporánea. El corpus consta de ensayos de aspirantes al puesto de profesor de inglés en una institución educativa de RS, entre 2016 y 2018. Como aportes teóricos se utilizaron



autores como Michel Foucault, Sylvio Gadelha y López-Ruiz, operando con conceptos de autoemprendimiento y Capital Humano. Los resultados muestran que: 1) los docentes perciben el aprendizaje de la LI como una forma de transformar sus futuros, contribuyendo a una nación desarrollada; 2) La LI completa al aprendiz con lo que necesita para ser y actuar en la sociedad neoliberal; 3) Saber inglés se considera indispensable para obtener “buenos trabajos” y “mejores” puestos. La investigación concluyó que la LI es una herramienta asociada al éxito profesional, configurándose, al mismo tiempo, en forma de in/exclusión.

**PALABRAS CLAVE:** Lengua Inglesa. Capital Humano. Emprendimiento.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade marcada pela variedade linguística, presente no mundo do trabalho, na esfera educacional e nas comunicações entre os diferentes grupos culturais. Mesmo habitando em um país cuja língua oficial é a portuguesa, a todo instante nos deparamos com a necessidade de ler, escrever e falar em outras línguas e dialetos. Entre tantas formas de expressão, a língua inglesa configura-se como uma das mais empregadas, sendo significada como “a” mais importante, necessária e útil em nosso cotidiano, tornando cada vez mais relevante a sua aprendizagem. O presente artigo insere-se nas reflexões a respeito dos sentidos atribuídos à aprendizagem da língua inglesa na contemporaneidade.

Desde meados do século XVI, se faz presente no Brasil a aprendizagem de línguas estrangeiras, decorrente de momentos políticos e econômicos cujos interesses ora penderam para o ensino das chamadas línguas clássicas (grego e latim), ora para as línguas modernas (francês, alemão, inglês e, mais recentemente, espanhol), que integram parte das políticas públicas e educacionais. No que se refere especificamente à Língua Inglesa, a mesma começou a compor o currículo educacional brasileiro somente no século XIX, mantendo sua permanência até os dias de hoje (MIRANDA, 2015), resultando sua hegemonia de políticas públicas e educacionais que se delinearam especialmente a partir das relações entre Brasil e Inglaterra (1808 – 1920) e entre Brasil e Estados Unidos (1920 - dias atuais). A instalação de empresas multinacionais no país, especialmente a partir da década de 1950, também conferiu destaque à aprendizagem do inglês, vista como uma oportunidade única (SANTOS, 2009) de conseguir um emprego nesses locais.

Assim, a língua inglesa passou a ser significada como uma língua de prestígio e de importância em nossa sociedade por ser a língua das grandes potências mundiais e, conseqüentemente, é a ela atribuído o papel de língua oficial dos negócios e das transações globais. Sendo os Estados Unidos a maior potência econômica, política e militar do mundo atual, de acordo com Parma (2013), sua língua oficial também se constitui como a “língua do poder”, garantindo, mesmo que imaginariamente, acesso aos melhores empregos e relações interpessoais.



Essa hegemonia se manifesta também na área educacional. Documentos oficiais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) destacam a necessidade do ensino de línguas estrangeiras nas escolas brasileiras. Porém, não se trata de qualquer língua, mas da língua inglesa. A obrigatoriedade do ensino da disciplina de línguas estrangeiras modernas, a partir do sexto ano, estava legalmente prevista pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996. Contudo, na nova redação dada pela Lei nº 13.415, de 2016, a obrigatoriedade da Língua Estrangeira recai exclusivamente para a Língua Inglesa, tornando facultativo o ensino de outras línguas estrangeiras, como mostra a comparação dos seguintes trechos legislativos.

Art. 26. § 5º Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição.

Art. 36. [N]o currículo do ensino médio [...]: III - será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição. (BRASIL, 1996).

Art. 26. § 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa.

Art. 35. § 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2016).

Em paralelo à alteração da LDB (1996), outro documento que se mostra relevante, no sentido de instituir oficialmente a Língua Inglesa no currículo escolar é a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). De acordo com Dias (2018, p. 28), a BNCC reforça o *status* da língua inglesa como “língua franca”, sendo esse o idioma que tem “a capacidade tanto de viabilizar como de otimizar o acesso às tecnologias e aos conhecimentos acadêmicos e científicos.” Nesse sentido, os documentos apresentados ajudam a compreender que os conteúdos escolares não resultam de relações neutras, como no ensino de línguas estrangeiras, e atribuem à língua inglesa um papel de destaque.

Estudos realizados sobre sentidos atribuídos à língua inglesa, como os de Leite (2013), Araújo-Silva (2012) e Parma (2013), mostram que tanto na esfera midiática quanto na escola há uma associação entre domínio da língua inglesa com sucesso e possibilidade de “garantir um futuro melhor”. A pesquisa de Leite (2013) analisa como a língua inglesa é representada em textos da revista “Veja”, na seção Educação, entre os anos de 2005 e 2010. Observou que os materiais publicados associam o inglês a um passaporte para ascender na vida profissional e também uma fonte de prazer. Araújo-Silva (2012) examina vídeos de artistas estadunidenses, dentre outros materiais midiáticos, estabelecendo relações entre cultura e consumo. Destaca que o aprendizado da língua inglesa extrapola a esfera do conhecimento linguístico puramente, pois, ao consumir o idioma, os aprendizes consomem também os hábitos e modos de vida associados aos países anglófonos, especialmente Estados Unidos e Inglaterra. Além disso, os artefatos examinados contribuem para afirmar o papel desses

países enquanto modelo de democracia e civilização e evidenciar a “superioridade” dos colonizadores.

Outro estudo relevante é o de Parma (2013). O pesquisador observa que, em nossa sociedade, há um crescente aumento pela procura por cursos de língua inglesa para crianças desde a primeira infância, sustentado pelo argumento do “quanto mais cedo, melhor”, o qual circula como uma verdade. O autor baseia-se na análise do discurso para compreender como a língua inglesa se constitui no imaginário brasileiro como a língua estrangeira necessária a ser ensinada cada vez mais cedo, permitindo o surgimento e estabelecimento de tantos cursos infantis de língua inglesa no país.

Considerando as pesquisas já desenvolvidas em torno da temática examinada no presente artigo, destacamos que uma das possíveis contribuições deste estudo está no *locus* investigado: professores de inglês que concorrem a uma vaga de trabalho em uma instituição de ensino profissionalizante. Além disso, nossa pesquisa ancora-se em teorizações ainda pouco exploradas na literatura que examinamos, as quais se referem às relações entre a Língua Inglesa e a teoria do Capital Humano, que é uma aproximação que empreendemos. Nas próximas seções serão apresentados os caminhos metodológicos e a análise do material empírico reunido.

## **METODOLOGIA**

Como exposto anteriormente, o presente artigo tem o propósito de analisar sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa na contemporaneidade. O estudo foi direcionado pelas perguntas: Quais enunciações estão presentes nas redações dos candidatos à docência relacionadas à importância da aprendizagem da Língua Inglesa? Pode-se visualizar nas redações atributos que associam essa aprendizagem a um investimento? Se sim, que investimento seria esse?

O material de pesquisa examinado constitui-se em um conjunto de 70 redações escritas por sujeitos que se submeteram ao processo seletivo de docente de inglês em uma instituição de ensino profissionalizante no Rio Grande do Sul entre 2016 e 2018. Para participar desse processo, os profissionais devem apresentar, dentre outros requisitos, curso de graduação completo e formação na língua inglesa ou vivência em países cuja língua oficial seja o inglês, além de desejável experiência docente em cursos de idiomas. Ademais, a competência linguística do candidato deverá ser comprovada em duas etapas, quais sejam: I) etapa eliminatória: consiste na análise dos dados apresentados no cadastro, com base nos requisitos exigidos pela vaga; II) etapas classificatórias compostas de: a) entrevista; b) prova de redação; c) miniaula. A prova de redação, especificamente, consiste em uma breve dissertação sobre um tema comum aos candidatos interessados à mesma vaga, os quais podem ser os seguintes: o ensino de inglês na atualidade; a importância da Língua Inglesa nos dias de hoje; a importância do ensino da Língua Inglesa na educação infantil; e a educação na atualidade.

Consideramos pertinente destacar as condições particulares que conduzem as enunciações dos candidatos cujas redações estão sob análise. Tais sujeitos não são quaisquer profissionais, mas sim professores de inglês que buscam oportunidade de emprego em uma instituição de



ensino profissionalizante, que além de carregarem marcas dos lugares de ensino em que tiveram suas experiências, realizam as produções textuais nesse contexto bastante específico que é a seleção de emprego. Além disso, é importante salientar que a própria temática proposta na redação direciona sua produção.

Em outras palavras, os candidatos estabelecem um interlocutor imaginário, que terá como incumbência aceitar ou rejeitar suas ideias. Assim, é provável que se preocupem em estar alinhados com ideias amplamente aceitas na sociedade, evitando, do mesmo modo, colidir com os ideais da própria instituição, tendo em mente que a mesma deseja contratar professores que cativem os alunos/clientes e os mantenham altamente motivados e interessados em estudar nos cursos de idiomas ofertados pela instituição.

A estratégia analítica utilizada para operar sobre as redações dos candidatos orientou-se pela análise do discurso, como discutida por Michel Foucault. “Certamente”, diz o filósofo, “os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever”. (FOUCAULT, 2008, p.55). Nesse sentido, ressalta-se a importância de destacar o enunciado não como uma formulação, mas como uma modalidade repetível, que circula por diferentes redes de significação e se modifica, tal qual o enunciado “o mundo todo fala inglês”, como examinado por Hernandez (2014).

Para a pesquisadora, tal enunciado adquiriu *status* de verdade em nossa sociedade ao ser disseminado repetidamente em diferentes veículos de mídia que veiculam propagandas de escolas de idiomas, reportagens, artigos, depoimentos e entrevistas com especialistas, como educadores, pesquisadores e empresários de sucesso. Assim, a propagação do enunciado de que o mundo todo fala inglês implica na construção de sentidos tais como a expectativa de que o falante do inglês não encontrará problemas de comunicação em nenhum lugar do planeta. Como característica inerente ao discurso, o enunciado “o mundo todo fala inglês” acaba por se inserir ainda em outras formações discursivas, como a psicologia, a neurologia, a linguística, as quais produzem e adicionam outras verdades sobre a proposição inicial, tais como: “deve-se aprender o inglês até uma determinada idade da infância porque depois o indivíduo não obterá fluência” (HERNANDEZ, 2014, p. 84).

Como explica Fischer (2001), nossos atos de fala, inscritos no interior de formações discursivas, se estabelecem a partir de regimes de verdade, “o que significa dizer que estamos sempre obedecendo a um conjunto de regras, dadas historicamente, e afirmando verdades de um tempo. As coisas “ditas”, portanto, são radicalmente amarradas às dinâmicas de poder e saber de seu tempo.” (FISCHER, 2001, p. 219). Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. Para iniciar a empreitada de uma análise discursiva a partir de tais pressupostos, é preciso “[...] recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas”. (FISCHER, 2001, p. 198). Poder-se-ia pensar que na análise do discurso não se trata da busca de significantes ocultos, dissimulados e intencionalmente deturpados com o objetivo de revelar sua verdadeira intenção. Foucault ensina a pensar nas “coisas ditas”, nas práticas concretas que estão vivas nos discursos e que deles se alimentam.



Compreendendo o fazer investigativo como um exercício de busca de verdades (BUJES, 2007), tivemos o propósito de discutir sobre essas questões cientes de que apresentamos algumas das múltiplas possibilidades de análise acerca da aprendizagem da língua inglesa. Tentamos seguir os passos de Michel Foucault, no sentido de procurar ver além das aparências imediatas, problematizando a noção de que “é necessário aprender inglês”. A próxima seção do artigo evidencia alguns dos olhares atribuídos por nós ao material de pesquisa selecionado.

## A LÍNGUA INGLESA COMO UM INVESTIMENTO

Ao examinarmos o material de pesquisa reunido, evidenciou-se a noção de que a aprendizagem da língua inglesa é vista como um investimento que “deve ser realizado” para que os indivíduos obtenham sucesso pessoal e profissional. Isso nos leva a pensar que a aprendizagem desse idioma se associa à Teoria do Capital Humano que, a partir da década de 1950, na Escola de Chicago, começou a ser vista como um fator para a produtividade econômica. Theodore Schultz, professor do Departamento de Economia da Universidade de Chicago à época, foi quem primeiro preocupou-se em explicar os ganhos de produtividade gerados pelo “fator humano” na produção (ANDRADE, 2010). Dessa preocupação resultou a Teoria do Capital Humano, na qual o trabalho humano, quando qualificado, se torna um importante meio para a produtividade econômica.

Dentre outras características, a nova forma de pensar o trabalhador e seus atributos imateriais vê a comunicação não apenas como admissível, mas como necessária, tendo como pressuposto a cooperação entre sujeitos, diferente da divisão de trabalho como na fábrica. Ocorre, nesse sentido, o deslocamento da ênfase da fábrica – instituição de (re)produção de mercadorias padronizadas – para a empresa, cujo foco está na inovação. Do mesmo modo, privilegia-se o uso do cérebro ao uso do corpo, marcando a passagem do capitalismo industrial para o capitalismo cognitivo. Como bem explicam Saraiva e Veiga-Neto (2009, p.192), enquanto no capitalismo industrial a inovação era exceção, “no capitalismo cognitivo, a invenção torna-se um processo continuado, a exceção torna-se regra”. É preciso, portanto, qualificar o trabalho humano por meio de capacidades, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favoreçam a realização do trabalho de modo a produzir valores econômicos cada vez maiores.

Com a evolução dessas mudanças, a área da Educação se vê bastante impactada, com a incumbência de formar sujeitos qualificados para o processo produtivo. A partir da década de 1990, sobretudo, tais conhecimentos e habilidades de qualificação passam a funcionar em uma lógica de investimento de capital feito pelo trabalhador em sua educação (KLAUS, 2011). Essa lógica só é possível devido ao *status* de “desenvolvimento” adquirido pela educação ao longo dos anos, a qual se mostrou bastante aparente nas redações que examinamos, como mostram três excertos abaixo:

As pessoas têm, definitivamente, o direito de obter educação tanto quanto desejarem, pois não há limites para isso, não importa a idade. Portanto, **a educação é a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros, uma vez que desempenha um papel significativo no desenvolvimento de um país.** [grifos nossos].



A educação é importante para o crescimento pessoal e do mundo desenvolvido. Deve haver mais incentivo, apoio e **compreensão de que a educação é essencial**. Pode haver uma solução para este problema, mas, em primeiro lugar, é necessário educar a mente dos governantes e mostrar-lhes que **a educação é a base de tudo o que pode interessar a um povo e mundo desenvolvidos**. [grifos nossos]

Nos dias de hoje, **a educação é a chave para o sucesso**. Ela não apenas modifica a maneira como você vê o mundo, mas também o ajuda a pensar sozinho. Devido ao seu **poder e capacidade de transformação**, a educação é um privilégio [grifos nossos].

Ao afirmarem que a educação é a base de tudo o que pode interessar a um povo, desempenhando um papel significativo no país, os candidatos demonstram que não apenas é importante investir em educação, mas também um dever, justificando que ela é essencial para o crescimento pessoal e para o mundo desenvolvido. Existe um repertório de interpretações, afirma López-Ruiz (2004), que faz com que os sujeitos pensem sobre si e sobre os outros de tal forma que a imagem do componente humano, conforme propunha Schultz (1967), seja associada à riqueza, ao desenvolvimento e ao progresso do indivíduo e do país, impactando em maior educação, mais saúde e no crescente acúmulo de bens duráveis. Essa lógica faz surgir dizeres como os que emergem das redações analisadas neste estudo, tais como “[...] a educação é a única ponte que leva as pessoas a melhores futuros, uma vez que desempenha um papel significativo no desenvolvimento de um país”.

Outro excerto, retirado de uma das redações examinadas, representa a forma como os indivíduos pensam a educação associando-a a um importante investimento coletivo: “somente com um bom plano e investimentos em educação, poderemos superar a pobreza e elevar nossa nação a um novo nível”. Essas palavras evidenciam que o candidato se inclui em uma instância maior, convidando a si e a todos, como nação, a investirem em educação como meio de solucionar até mesmo a pobreza. Outro candidato reforça essa ideia ao dizer que: “algumas pessoas não pensam que é importante estudar, aprender e crescer intelectualmente e isso é tão triste e faz com que o país regrida”. Podemos observar que há, além de uma preocupação, uma forte intenção de que cada um faça a sua parte, ao mesmo tempo em que emerge o sentido de censura de pessoas que não investem no conhecimento e, com isso, não colaboram para o progresso do país.

Cabe ainda ressaltar que a palavra “investimento” utilizada pelos candidatos não remete a aplicação de recursos para um fim em si mesmo. Pelo contrário, a Teoria do Capital Humano aponta que o desenvolvimento não é medido apenas pelo capital físico, mas também pelo capital investido nas pessoas. Enquanto o capital físico é governado pelo direito de propriedade, podendo ser destruído, vendido, transferido, dado de presente, etc., o capital humano, adquirido por meio da educação, não poderá jamais ser emprestado ou transferido de um indivíduo para o outro. Por isso mesmo, utiliza-se a palavra “investimento”, tão distinta da extinta relação com o “gasto”. Dessa forma, uma pessoa que despende tempo e dinheiro para frequentar um curso de idiomas ou de pós-graduação está realizando um “investimento” em si. Tal noção acerca do investimento pode ser vista em excertos como “A educação está em constante evolução, mas há uma coisa que nunca mudará: o conhecimento que você adquire é seu, e ninguém poderá tirá-lo de você”. Ao realizar essa afirmação, o candidato corrobora com a noção de investimento como um bem durável. Diferente de um



aparelho celular, cuja pouca durabilidade nos é familiar, o conhecimento é visto como algo que permanece em nossas vidas, que nos será útil, não importando as circunstâncias.

Já em seus primeiros textos, Schultz, pai da Teoria do Capital Humano (LÓPEZ-RUIZ, 2009), toma a diferenciação entre consumo e investimento em capital humano como tema central. Surge, dentre as preocupações do economista, um problema não encontrado antes para a contabilização dos bens de capital físico. Caberia perguntar: Como distinguir gastos para consumo e gastos para investimento? Isso significa dizer que podemos fazer uso dessa teoria para questionar, por exemplo, os significados atribuídos ao dizer “[a educação deve permitir ao sujeito] perseguir sua melhor versão”, expresso por um candidato. Aqui a economia política passa a ter como objeto o comportamento humano, importando aos estudiosos da área entender também a racionalidade interna que anima o sujeito a consumir, a relacionar-se, a fazer escolhas. A partir dos excertos a seguir, podemos observar que existe uma espécie de racionalização à qual procedem os sujeitos que desejam fazer investimentos na aprendizagem da língua inglesa, com o objetivo de comprovar que despende dinheiro, esforço e tempo nesse conhecimento seja verdadeiramente um “investimento”.

Quando pensamos em educação, geralmente pensamos em educação regular, que compreende, basicamente, nove anos de ensino fundamental, três ou quatro anos de ensino médio e quatro ou cinco anos de graduação. Para a maioria dos alunos, isso é sinônimo de uma **carreira promissora** [grifos nossos].

Vários estudos e especialistas destacam os benefícios de ter contato com a língua inglesa [...]. Então guiemos nossos filhos e jovens para a língua inglesa com responsabilidade, abordagem apropriada, além de ter certeza de que **estamos capacitando-os para o conhecimento necessário que é o melhor que um ser humano pode ter para a transformação do mundo que nos rodeia** [grifos nossos].

No primeiro excerto percebe-se que o candidato avalia a educação regular – em seu entender, Ensino Médio e superior completo – como insuficiente para garantir uma “carreira promissora”, sendo necessário levar em consideração outros saberes, como “uma língua estrangeira”. Pode-se ver que há uma racionalização sobre quais investimentos devem ser feitos em seu capital humano, levando em consideração que seu objetivo seja uma “carreira promissora”. Lançando seu olhar para um conjunto de saberes “extracurriculares”, elege a Língua Inglesa como aquela que lhe dará condições de chegar a esse objetivo. Apresentar a aprendizagem de inglês como sinônimo de “carreira promissora” significa dizer que esse conhecimento se trata de um “investimento”, e não de um “gasto”.

Outra questão que interessa aos teóricos que estudam o capital humano e que se mostra presente nos excertos refere-se às relações entre presente/futuro e consumo/investimento. De acordo com López-Ruiz (2009, p. 209), essa relação explica a transformação do “consumo” para o “investimento”, pois “[...] as pessoas capitalizam-se consumindo: ‘eu consumo hoje para meu futuro’; ou, o que acaba sendo o mesmo, ‘eu postergo minhas satisfações consumindo agora’.” Segundo o autor, a redefinição prévia do consumo em termos de investimento permite que façamos a seguinte asserção: “‘eu invisto hoje para meu futuro’, ‘eu postergo minhas satisfações investindo agora’.” Investir no aprendizado da língua inglesa





significa, portanto, pensar nesse idioma como uma competência que trará ao sujeito aprendiz de hoje uma série de possibilidades no futuro.

Como proposto por essa teoria, é preciso qualificar o trabalho humano por meio de capacidades, conhecimentos, competências e atributos de personalidade que favoreçam a realização do trabalho de modo a produzir valores econômicos cada vez maiores. Foi possível observar que os candidatos lançam mão de uma teia argumentativa bastante complexa que estabelece a aprendizagem da língua inglesa como um investimento, evidenciando a impossibilidade de dissociar a relação entre sujeito trabalhador e produção de capital, como nos excertos a seguir:

O inglês é o segundo idioma mais falado no mundo, sua importância é tão grande tanto para viagens quanto para negócios. [...] **Muitas excelentes oportunidades estão disponíveis para os jovens que estudam no exterior com bolsas integrais em importantes universidades** como Cambridge e Yale. [grifos nossos].

[...] o inglês tem sido usado como língua oficial nos negócios em todo o planeta, e aqui no Brasil, não é diferente. **E mais do que isso, usamos o inglês em nossa rotina diária, nos esportes, na música e na TV.** Então, estamos sempre em contato com ele. Mas vamos falar sobre negócios. **Todo mundo quer um bom trabalho, com um bom salário,** em uma grande empresa e hoje em dia, falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não [grifos nossos].

Ao mencionarem que a fluência em inglês pode ser útil no trabalho, em estudos, em viagens, em conversas com familiares e amigos que vivem em outros países e até mesmo em nossa rotina diária, percebe-se que a necessidade de aprender a língua inglesa é descrita, nas vozes dos candidatos, como uma ferramenta que possibilita ao sujeito ser, estar e agir conforme as expectativas presentes na sociedade contemporânea. Outros exemplos dessas expectativas são as importantes oportunidades que não podem ser deixadas de lado, como as bolsas integrais em importantes universidades no exterior e as vagas de trabalho em empresas que fornecem todos os cursos de formação e especialização. Já as preocupações concernentes à empregabilidade, como se nota, vão muito além da “simples” oportunidade de trabalho, evidenciando que hoje não se busca um emprego qualquer, mas sim aquele das multinacionais e das oportunidades ditas “superiores”, em cargos mais elevados e maiores salários.

Se é a partir das coisas ditas que constituímos as realidades do mundo, podemos afirmar que asserções como “falar inglês é algo que pode decidir se você vai conseguir o emprego ou não” corroboram para que a aprendizagem da língua inglesa seja projetada como um investimento indispensável em um contexto em que características atreladas às expectativas capitalistas e neoliberais como a concorrência, o desejo pelo sucesso e pela ascensão predominam na sociedade. Ao guiar-se por esses princípios, o sujeito se vê induzido a fazer de sua vida uma gestão empresarial, equivalendo-se a uma nova concepção de agente econômico, o qual assume para si a responsabilidade de ser a pessoa que age; busca qualificação; dispõe de vários saberes e leva adiante esses saberes para outras atividades ao longo de sua vida (TAVARES, 2014).

O desejo pela ascensão econômica constitui-se como uma das características que forma o perfil do empreendedor de si, ou seja, aquele tão celebrado pelas empresas. Educar os sujeitos



para que sejam bons empreendedores de si vem sendo um papel, portanto, colado aos princípios que devem guiar as instituições escolares. Como afirma Gadelha (2009a), no campo da educação novas discursividades têm ganhado abrangência e poder de persuasão, buscando formar indivíduos-microempresas, que possuam características como pró-atividade, flexibilidade, inovação, senso de oportunidade e notável capacidade de provocar mudanças. Esse novo sujeito, também chamado de *Homo Oeconomicus* trata-se do indivíduo prescrito e desejado pelas novas organizações de trabalho, orientado a agir de acordo com o autor chama de *ethos empresarial*.

Investir em si mesmo não significa necessariamente mudar de lugar, mas sim investir em constante mudança, nem que seja para conseguir se manter no mesmo lugar, pois, “nesse mundo poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final.” (BAUMAN, 2001, p. 78). Dessa forma, o sujeito é responsável por uma gestão de si, a qual envolve o empreendedorismo, o empresariamento de si, a criação de inúmeros projetos de curto prazo e a inovação, pois, tal qual uma empresa, o sujeito empreendedor de si pode quebrar, falir, entrar em colapso, fazendo com que se sinta o único responsável por seu fracasso (LÓPEZ-RUIZ, 2009).

No mundo capitalista, onde o profissional é visto “essencialmente como o gestor de sua própria carreira” (LÓPEZ-RUIZ, 2009, p. 12), resulta que os investimentos realizados em si mesmo sejam sua principal responsabilidade e que o desejo de autopromoção e os cuidados de si sejam uma obrigação constante. Isso significa dizer que a representação de conhecimentos que, como a língua inglesa, são hoje considerados indispensáveis ao mercado de trabalho constitui-se em um processo que não é imparcial (e nem poderia ser), pois está intimamente ligado a relações de poder que regulam nossa sociedade.

Sob a luz do neoliberalismo e do capitalismo contemporâneo, um emaranhado de discursos a respeito de um modo de ser e viver dos sujeitos pós-modernos nos inspiram a aspirar por um estilo de vida do sujeito estudado, viajado, conhecedor de outras culturas, altamente qualificado e apto para competir em nível global por empregos de ponta, capazes de produzir e também consumir constantemente. Essas são algumas das características do estilo de vida que o sujeito empreendedor de si deve possuir para obter o tão chamado “sucesso profissional”.

Nesse sentido, esperamos ter mostrado que a língua inglesa é vista como uma aptidão necessária para o desenvolvimento, o progresso e o sucesso do indivíduo, bem como é representada como uma oportunidade de diferenciação indispensável no mercado de trabalho. Assim, pode-se dizer que nas redações há um “imperativo” associado à aprendizagem da língua inglesa, algo que aparece como uma necessidade irreversível para que o sujeito aja, exista, se torne produtivo, uma pessoa de negócios, com sucesso, e uma ótima carreira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, que finaliza o artigo, temos o propósito de apresentar alguns dos efeitos de verdade que o enunciado “é importante aprender a Língua Inglesa” gera sobre os indivíduos

contemporâneos. Um desses efeitos relaciona-se com a incorporação de valores que regem a lógica empresarial nas formas de vida contemporâneas, regulando subjetividades e tornando os indivíduos empreendedores de si. O que antes era acesso à educação se transformou em “capacitação” para o trabalho ultracompetitivo do dia a dia. Isso significa dizer que essas mudanças trouxeram consigo um novo estilo de vida, com valores que orientam o indivíduo a entender-se como um empreendimento e, com isso, a alterar sua rotina de trabalho, sua carreira, suas relações pessoais, em todos os âmbitos de sua vida.

Nesse sentido, foi possível verificar, por meio do estudo empreendido, que a Língua Inglesa se mostra como uma ferramenta que torna o aprendiz mais útil, pois o qualifica como mais produtivo e em harmonia com as características exigidas pela nossa sociedade. Dessa forma, saber a língua inglesa possibilita ao sujeito empreendedor encontrar suas “melhores oportunidades”, movido pela ambição e pelo desejo de sucesso, optando por escolhas cotidianas cada vez mais marcadas por análises de utilidade econômica.

A responsabilidade de buscar pelas melhores oportunidades, na empreitada rumo ao tão esperado sucesso, como tentamos apontar no artigo, recai sobre o indivíduo. Em tempos onde o Estado-Nação não mais tenta eliminar as ambiguidades, de definir o que é certo e errado, amigo ou inimigo, vizinho ou estranho, as escolhas e decisões passam a ser enfrentadas individualmente, no âmbito privado. Existe, portanto, um deslocamento do controle social, anteriormente exercido pelo Estado, mas que agora se encontra mediado pelo mercado, dando espaço para que o discurso neoliberal se legitime como um guia das ações individuais.

Se o mercado era antes, por excelência, lugar de massa ou de consumo, ele transmuta-se em espaço para investimento. Daí sua excelência para uma nova racionalidade política cuja essência seja a instituição de uma dinâmica concorrencial. Em uma lógica onde os indivíduos se sentem constantemente na obrigação de assumir riscos e a se responsabilizarem sozinhos por eles mesmos, veem-se inseguros em um mercado que oferece cada vez mais números altos de desemprego, ao mesmo tempo em que criam situações de rivalidade com todos a sua volta. Guiados por processos e políticas de subjetivação, os indivíduos estão cada vez menos capazes de se desvencilhar de tais valores apregoados pelo mercado. Tendo o mercado como princípio normativo, resta ao Estado estar constantemente ativo na lógica neoliberal, estimulando, ao mesmo tempo a participação da sociedade.

Da mesma forma que se atualizar constantemente é uma maneira de permanecer atrativo para o mercado, é uma necessidade não se deixar excluir do universo de possibilidades que se abrem por meio da Língua Inglesa. Se por meio de práticas e regras implícitas somos conduzidos a entrar e nos mantermos no jogo econômico do neoliberalismo, este estudo apresenta uma série de evidências que apontam para a Língua Inglesa como uma dessas regras que auxiliam na regulação do mercado, convidando a todos para fazer parte desse jogo, e, ao mesmo tempo, criando suas próprias formas de in/exclusão.

Assim, é preciso saber inglês para tomar o lugar que o *outro* não pode ocupar porque não possui conhecimento do idioma, gerando a exclusão daqueles que não o falam. O grupo de trabalhadores que não se dispuser a aprender a língua inglesa estará fadado a manter-se à margem do mercado de trabalho, “pois não há chance de ascensão, dentro do sistema



capitalista, para aqueles que não se submetem às suas regras” (SANTOS, 2009, p.61). Dessa forma, como expresso em muitas redações examinadas, aprender a “língua oficial do planeta” seria uma das regras que atuam em nosso sistema capitalista contemporâneo. É possível reconhecer em nossa sociedade o sucesso profissional e a ascensão financeira alinhados com um discurso capitalista da globalização e do trabalho. Em decorrência disso, o grupo de trabalhadores que não possui tal predicado estará à margem do mercado de trabalho, cabendo a esse grupo de excluídos os empregos menos importantes, em empresas igualmente menores.

A inclusão no grupo “privilegiado” de quem fala inglês implica na existência de exclusão por aqueles que não buscaram a oportunidade de aprendê-lo. A “boa” oportunidade de emprego, como referida em algumas redações, está condicionada ao recrutamento de trabalhadores sob o único requisito de falar inglês com fluência. Fazendo uma leitura do que aqui não está dito, resta interpretar que os maus empregos são aqueles que não exigem o conhecimento do idioma. Ou seja, entende-se que os empregos obtidos sem o requisito de conhecer inglês serão empregos de má qualidade. É nesse sentido que, a partir da análise empreendida, observamos a presença do discurso de que a aprendizagem da língua inglesa é um imperativo, pois o idioma é destacado como uma ferramenta que age em consonância com o “mundo de hoje”, ao qual o sujeito precisa se adaptar constantemente.

Finalizando, é importante destacar que a pesquisa realizada buscou indagar e discutir alguns dos sentidos atribuídos à aprendizagem da Língua Inglesa na contemporaneidade, tendo em mente o seu caráter “fabricado” (BUJES, 2007, p. 25), ou seja, os dados e considerações que apresentamos representam o nosso olhar sobre o material de pesquisa reunido, usando as lentes teóricas escolhidas. Estamos convictas que existem muitas possibilidades de olhar para a temática apresentada nesta pesquisa, o que nos instiga e move a fazer em futuras investigações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rita. **Teoria do Capital Humano e a qualidade da educação nos estados brasileiros**. 2010. 75f. Monografia (Graduação em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

ARAÚJO-SILVA, Gisvaldo Bezerra. **Língua inglesa: um universo imperativo na constituição de sujeitos contemporâneos**. 2012. 438f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Medida Provisória nº 746, de 2016. Presidência da República. Casa Civil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 8 ago. 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BUJES, Maria Isabel. Descaminhos. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 34-56.

DIAS, Gustavo Ferreira. **Tecnologias digitais na sala de aula: percepções e práticas de professores de língua inglesa de João Pessoa**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.114, p.197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GADELHA, Sylvio. **Biopolítica, governamentalidade e educação: introdução e conexões, a partir de Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009a.

GADELHA, Sylvio. Governamentalidade Neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n.2, p. 171-186, ago. 2009b.

HERNANDEZ, Maria Inês Oliveira. **O discurso de materiais digitais de ensino de inglês para negócios: conflito de vozes na constituição de subjetividades do sujeito corporativo num mundo globalizado**. 2014. 307f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

KLAUS, Viviane. **Desenvolvimento e governamentalidade (neo)liberal: da administração à gestão educacional**. 2011. 228f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

LEITE, Patrícia Mara Carvalho Costa. **Yes, vamos correr para “dominar” a língua: como a língua inglesa é representada em dois textos da veja**. 2013. 47f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei, 2013.

LOPES, Maura Corcini. Políticas de inclusão e governamentalidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 153-169, mai./ago. 2009.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. **O ethos dos executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**. 2004. 385f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

LÓPEZ-RUIZ, Osvaldo Javier. O consumo como investimento: a teoria do capital humano e o capital humano como ethos. **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 217-230, jul/dez. 2009.

LORENZI, Fabiane. **Um herói contemporâneo em Você S/A**: problematizando a produção do sujeito empreendedor. 2014. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

MIRANDA, Nilva Conceição. **Ensino de língua inglesa no Brasil, políticas educacionais e a formação do sujeito da educação básica**. 2015. 112 f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

PARMA, Alan Febrario. **Ensino infantil da Língua Inglesa no Brasil**: uma análise discursiva da evidência do “quanto mais cedo melhor”. 2013. 168f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

SANTOS, Marla Soares. **Relações de poder**: análise do discurso de duas escolas idiomas. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n.2, p. 187-201, jan/jun. 2009.

SCHULTZ, Theodore. **O valor econômico da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TAVARES, Larissa Ferreira. **Condenados a vencer**: a atuação do SEBRAE na produção discursiva do indivíduo empreendedor de si mesmo. 2014. 156f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2014.